

EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

EDUCATION, DIVERSITY AND TRANSDISCIPLINARITY

PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de
SUANNO, João Henrique
REIS, Marlene Barbosa de Freitas

Resumo: O presente trabalho discute a intolerância à diferença que marca a sociedade do século XXI e a importância de se repensar valores necessários para a convivência humana e para a harmonia social. É objetivo desse estudo também refletir a respeito dos conceitos de diversidade, interculturalidade e alteridade, que precisam ser polinizados e reverberados no espaço social, destacando a relevância da instituição escolar na tarefa de conscientização a respeito desses. Desse modo, acredita-se que a escola tem muito a contribuir na formação de seres humanizados, críticos, protagonistas sociais e sensíveis às relações interpessoais. Pensando na contribuição social da escola, o estudo aponta a transdisciplinaridade como caminho possível e necessário para a educação escolar e também para a vida, potencializando as relações humanas, uma vez que a perspectiva transdisciplinar indica um olhar humanizado para a relação com o outro, respeitando-o e acolhendo-o como esse realmente é, e não como uma extensão do eu. São discutidas ainda possibilidades de intervenção para a efetivação de uma educação na e para diversidade, destacando: a mudança do paradigma da igualdade para o da diversidade, a não padronização da aprendizagem dos educandos, a formação dos professores na perspectiva da inclusão, a aquisição de materiais específicos, a adequação do espaço físico da escola, práticas pedagógicas que discutam o respeito e a valorização da diversidade, a cooperação como forma de organizar a vida. Nesse sentido, entende-se que promover diálogos entre a escola, a diversidade e a transdisciplinaridade é fundamental para pensar uma educação conectada com as demandas sociais da contemporaneidade.

Palavras-chave: Diversidade. Educação Escolar. Transdisciplinaridade.

Abstract: This paper discusses the intolerance of difference that marks the society of the 21st century and the importance of rethinking the values necessary for human coexistence and for social harmony. The purpose of this study is also to reflect on the concepts of diversity, interculturality and otherness, which need to be pollinated and reverberated in the social space, highlighting the relevance of the school institution in the task of raising awareness about them. Thus, it is believed that the school has much to contribute in the formation of humanized beings, critics, social protagonists and sensitive to interpersonal relations. Thinking about the social contribution of the school, the study points to transdisciplinarity as a possible and necessary way for school education and also for life, enhancing human relations, since the transdisciplinary perspective indicates a humanized look at the relationship with the other, respecting And accepting it as it really is, not as an extension of the self. It also discusses the possibilities of intervention for the realization of an education in and for diversity, highlighting: the paradigm shift from equality to diversity, non-standardization of learners' learning, teacher training in the perspective of inclusion, acquisition of Specific materials, the appropriateness of the physical space of the school, pedagogical practices that discuss respect and appreciation of diversity, cooperation as a way of organizing life. In this sense, it is understood that promoting dialogues between school, diversity and transdisciplinarity is fundamental to think about an education connected with the social demands of the contemporary world.

Keywords: Diversity. School Education. Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

A sociedade humana é caracterizada pela diversidade, assim como o ser humano tem como essência a diferença. Contudo, chama atenção a dificuldade que a sociedade do século atual enfrenta em conviver em espaço de paz com as diferenças. Dessa forma, verifica-se que o caracteriza a essência humana tem, na verdade, promovido conflitos e guerras.

O século XXI vivencia uma forte crise do humano, sendo essencial pensar caminhos de mudança frente a essa crise. Há, portanto, a necessidade de repensar e resgatar valores humanos necessários ao convívio social, bem como possibilidades para que tais valores sejam polinizados e possam contribuir com o bem social comum.

Nesse sentido, esse trabalho discute os conceitos de diversidade, alteridade e interculturalidade que merecem e precisam ser problematizados no espaço da escola por meio de práticas pedagógicas que contemplem uma formação crítica, humana e consciente. Além disso, o trabalho discorre sobre a teoria transdisciplinar e seu olhar sensível para o outro, para a educação e para a vida. Pensar uma práxis transdisciplinar possibilita contribuir para despertar as consciências do alunado, contribuindo para esses sejam protagonistas sociais (SUANNO, J. H., 2014) e seres conscientes de suas ações no espaço social.

Em relação à fundamentação teórica, esse ensaio apóia-se em Barreto & Reis (2001) e Canen (2001) para discutir a respeito da diversidade e sua relação com a educação, destacando a importância da contribuição da instituição social escola em trabalhar na perspectiva de uma educação para e na diversidade. Para conceituar alteridade e estabelecer diálogos com a escola, esse trabalho remete-se às ideias de Furtado (2012) e Silva (s.d.). No que tange à temática da interculturalidade e educação, as leituras de Fleuri (1999) e (2003) foram essenciais. Ademais, objetivando discutir a transdisciplinaridade como possível caminho de intervenção na escola e estabelecer relações com a diversidade, as obras de Moraes (2014), Suanno, J. H. (2010) e (2014), Suanno, M. V. R. (2014), Nicolescu (1997) e Zwierewicz (2013), possibilitaram reflexões importantes para o desenvolvimento desse estudo.

Diversidade, interculturalidade e alteridade: Diálogos necessários

O atual momento histórico revela um espaço social marcado, muitas vezes, pela intolerância e aversão à diferença humana. Notam-se constantemente casos em que o outro diferente é vítima de violência simbólica e até mesmo física, demonstrando assim, certa regressão da humanidade, que acaba ferindo sua essência, isto é, a diferença. Para pensar a

importância da valorização e do respeito à diferença, o presente estudo propõe refletir a respeito da diversidade, da alteridade e da interculturalidade como caminhos possíveis para uma sociedade mais humana, solidária e sensível.

Inicialmente, algumas notícias serão aqui exemplificadas para que a intolerância ao diferente seja questionada. De acordo com a nota publicada em 7 de Abril do ano de 2014 pelo site brasileiro “Uol”, em sua sessão opera mundi, o jovem chileno Wladimir Sepúlveda, de 21 anos, foi espancado brutalmente por ser homossexual, vindo à óbito depois de seis meses em estado vegetal. Outro caso semelhante foi descrito pelo site “O tempo” no dia 20 de Setembro desse mesmo ano, em que um morador de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte, homossexual assumido foi enforcado, teve seu cabelo queimado e foi abandonado em uma calçada com um bilhete no bolso escrito pelos agressores dizendo que fariam novos ataques e rituais de “purificação gay”.

Conforme noticiado pelo site “Pragmatismo político”, no dia 20/03/2013, um homem em São Paulo foi chamado de “preto amaldiçoado” e espancando covardemente por dois jovens de classe média. O fato chama atenção pela prática do racismo e, principalmente, pela covardia da agregação física, que acaba por denunciar a convivência doentia entre seres diferentes, que poderiam optar pelo caminho do respeito e da paz.

Além da questão da sexualidade e da raça, chama também atenção a violência que outros grupos sociais minoritários sofrem na sociedade atual, como é o caso dos índios, lembrando do índio Pataxó que foi incendiado até a morte por jovens em Brasília no ano de 1997, dos nordestinos brasileiros, das pessoas com deficiência, da mulher, do obeso, dentre outros. O que se percebe com clareza é que a diferença virou anomalia, ou seja, fugir dos padrões sociais tem sido visto como uma doença, o que tem desencadeado certa epidemia de aversão a essência humana. A comunidade humana está doente, contudo, a doença a que se refere esse trabalho é transmitida pelo vírus da intolerância ao outro como ele realmente é.

Assim sendo, vale discutir a importância do respeito à diversidade como princípio para o bem estar social e a convivência harmoniosa em sociedade. Nesse sentido, Candau (s.d., p.01) aponta que

Vivemos uma época em que a consciência de que o mundo passa por transformações profundas é cada dia mais forte. Esta realidade provoca em muitas pessoas e grupos, sentimentos, sensações e desejos contraditórios, ao mesmo tempo de insegurança e medo, potenciadores de apatia e conformismo, como também de novidade e esperança, mobilizadores das melhores energias e criatividade para a construção de um mundo diferente, mais humano e solidário.

Vale compreender que a identificação da diferença não é tão problemática e conflituosa quanto o respeito a ser dado à diversidade. Dessa maneira, é relevante compreender que o outro é aquele que não sou eu, e logo, é diferente desse eu. O que se vê, em muitos casos, é o olhar para o outro como se o mesmo fosse uma extensão do eu, o que acaba por negar o outro. Além disso, verifica-se também que em função das pressões sociais da normalidade, muitos “outros” acabam se prendendo em si mesmos, cativos de si próprios e vítimas de um sofrimento interno, fruto da não aceitação da diversidade que paira na sociedade contemporânea.

Acredita-se que a comunidade humana tem encontrado grande dificuldade em acolher a diferença e conviver harmoniosamente com ela. A diferença que identifica a essência humana tem, na verdade, segregado o próprio humano. Sendo assim, questiona-se: por que tanta dificuldade em reconhecer o outro como ele é? Por que tanta dificuldade em aceitar a condição humana que é essencialmente a diferença? Essas indagações fazem pensar que o outro e o eu, na verdade, se fazem no encontro.

Nessa perspectiva, a valorização da diversidade revela-se como uma possibilidade e uma necessidade para a comunidade humana. Vale destacar, em termos conceituais, a complexidade do conceito de diversidade, uma vez que ela é refletida nas diversas áreas do conhecimento, como a social, física, emocional, cultural e outras. Desse modo, apóia-se em Barreto & Reis (2011) que tratam a diversidade como “[...] variedade e convivência de ideias diferentes, de pessoas diferentes no mesmo espaço onde o paradigma da heterogeneidade sobrepõe o da homogeneidade” (BARRETO & REIS, 2011, p.21).

Além disso, entra no cenário de discussão outro conceito apresentado como valor e princípio essencial à vida humana: a alteridade. Compreendendo que a sociedade é marcada pela diversidade, há a necessidade de sair da visão egoísta para se pensar nos “outros”, objetivando a convivência sem conflitos. É fundamental a abertura diante do outro, aceitando-o e valorizando-o. Nessa direção, Costa & Diez (2012, p.02) advogam que

Na visão de totalidade, o outro é reflexo da ideia de um modelo de ser humano ideal e de obliteração da possibilidade de outra subjetividade. Pensar o outro na sua diferença é um modo de não objetivá-lo, acolhendo-o na sua realidade sem representações e aberto ao ensinamento, a aprendizagem.

Desse modo, a alteridade possibilita se abrir ao outro, o que permite ser influenciado por esse outro. Assim, há a possibilidade de crescimento, pois novos níveis de percepção podem ser atingidos. Segundo Costa & Diez (2012), com base teórica em Lévinas, para se

REVELLI v.9 n.2. Junho/2017. p. 162-176. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Educação Inclusiva e formação de professores: uma diversidade de olhares.

pensar no conceito de alteridade é essencial o olhar respeitoso de acolhimento da diversidade do outro. Assim,

A relação com o outro que me interpela, me afeta em muitas dimensões e me desafia é uma relação de responsabilidade e a resposta a esta interpelação é a liberdade que se realiza com justiça. Nesse sentido a alteridade é uma abertura que desafia o sujeito a responder em cada nova situação às solicitações concretas do outro (COSTA & DIEZ, 2012, p. 05).

Ainda sobre o conceito de alteridade, é válido dizer que esse pressupõe o diálogo entre partes diferentes, que não ficam isoladas cada uma em seu universo. A alteridade vincula-se a dialogicidade dos diferentes. A esse respeito, aponta-se que

As possíveis representações de alteridade só podem ser observadas entre elementos da mesma classe, mas com diferenças entre si. Compreendo que, podemos identificar as representações de alteridade em grupos que têm algo em comum. Assim sendo, alteridade é uma relação intersubjetiva e seus indicadores são a consideração, a valorização, a identificação e o diálogo entre os sujeitos do mesmo grupo (SILVA, s.d., p. 01).

Cabe dizer ainda que a alteridade volta-se para a ideia de colocar-se no lugar do outro, de tal forma que o eu não faz com o outro aquilo que não gostaria que fosse feito consigo. O outro passa a ser um companheiro na jornada da vida e não um adversário a ser combatido.

A relação para alcançar a alteridade é dada pela exterioridade sendo uma preocupação não para comigo, mas para com o outro. Nesse sentido o foco da ética é o movimento de acolhida do outro e não de posse ou domínio. Não se trata de negar a racionalidade, mas a possibilidade de uma nova forma de abordagem da mesma (COSTA & DIEZ, 2012, p. 08).

Dessa maneira, esse trabalho percebe a alteridade como um princípio relevante para a vida na sociedade do século XXI marcada pelo esmagamento da figura do outro. A alteridade contribui significativamente para que o humano seja valorizado. Ver a vida com as lentes da alteridade permite ver o outro humano, identificando-o, acolhendo-o e estabelecendo o encontro. A sociedade do século atual precisa das lentes da alteridade, pois já basta de tanto assassinar o outro. O sangue que corre no eu é o mesmo sangue que percorre o outro.

Vale destacar ainda, nessa discussão, o conceito de interculturalidade, que assim como a diversidade e a alteridade, coloca-se como caminho para a vida social. Na perspectiva intercultural enfatiza-se a relação dos sujeitos, uma vez que são as pessoas que produzem a

cultura. Trata-se da interação entre sujeitos de grupos identitários diferentes, isto é, o encontro dialógico de diferentes. Sobre a interculturalidade, Fleuri (2003, p. 22-23), elenca:

Esse campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes constitui o que aqui estamos chamando de intercultura [...] Nessa perspectiva, a intercultura vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social. O objeto de nosso estudo, assim, constitui-se transversalmente às temáticas de cultura, de etnia, de gerações, de gênero e de movimento social.

Soma-se ainda, a reflexão de que a interculturalidade possibilita que sejam criadas pontes entre o eu e o outro e não muros, que segregam e impedem o contato. A proposta intercultural é que os muros da não aceitação ao próximo, as barreiras do preconceito e da discriminação caiam e se construam pontes que interligam e possibilitam contato e o diálogo entre as partes. Sendo assim, a ideia de “cada um no seu canto”, que acaba criando guetos culturais (FLEURI, 1999) é discutida e cai por terra. A interculturalidade permite o deslocamento do olhar do eu para o outro, compreendendo-o efetivamente como esse é e se apresenta. Nessa concepção, entende-se que

A interação com uma cultura diferente contribui para que uma pessoa ou um grupo modifique o seu horizonte de compreensão da realidade, uma vez que lhe possibilita compreender ou assumir pontos-de-vista ou lógicas diferentes de interpretação da realidade ou de relação social [...] Neste sentido, a estratégia intercultural consiste antes de tudo em promover a relação entre as pessoas, enquanto membros de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente de modo muito variado, nas quais são sujeitos ativos (FLEURI, 1999, p. 280).

Especificamente, no caso do Brasil, a proposta da interculturalidade apresenta-se como caminho de percepção para a vida social. O Brasil é um país miscigenado em função dos grandes fluxos de imigração ocorridos no processo de colonização e na revolução industrial, fazendo com que negros, índios, europeus, asiáticos convivam em solo brasileiro, produzindo profundas marcas nas relações socioculturais no país (FLEURI, 1999). Dessa forma, vê-se a importância da interculturalidade ganhar espaço e força no solo do país, sendo reverberada, de modo a contribuir com a convivência respeitosa entre seres humanos.

A educação escolar sob o olhar transdisciplinar: convivência e valorização da diferença

Acredita-se que a escola do século atual conectada com a vida precisa contribuir para o discernimento crítico e uma postura humana de convivência por parte dos educandos. Para isso, a transdisciplinaridade será problematizada como um caminho possível para a educação na e para a diversidade.

No que concerne à transdisciplinaridade, vale pontuar que é entendida como “ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda a disciplina” (NICOLESCU, 1997, p. 05). Assim, a transdisciplinaridade é a soma dos espaços das disciplinas, para se ir além delas, com a finalidade de uma postura humanizada diante da vida, por meio de novos níveis de realidade e de consciência.

A teoria transdisciplinar é, na verdade, um caminho para a vida, ou seja, uma opção de se perceber a vida e se posicionar frente a ela. Conforme destaca Zwierewicz (2013, p. 27), “a transdisciplinaridade pode ser interpretada como uma postura diante da vida. É a atitude de abertura ao diálogo e ao compartilhamento de ideias, pensamentos, opiniões e sentimentos”.

Pode-se compreender também a transdisciplinaridade como outra forma de se pensar, valorizando a subjetividade, a emoção e o espiritual, ou seja, para além de um olhar lógico, racional e cartesiano. Conforme Moraes (2014, p. 34), a transdisciplinaridade

Implica uma atitude do espírito humano ao vivenciar um processo que envolve uma lógica diferente, uma maneira complexa de pensar a realidade, uma percepção mais apurada dos fenômenos, a partir do reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade do objeto. Uma atitude que envolve curiosidade, reciprocidade, intuição de possíveis relações existentes entre eventos, coisas, processos e fenômenos, relações que normalmente escapam à observação e ao senso comum.

Nessa perspectiva, destaca-se que o princípio epistemo-metodológico da transdisciplinaridade não se constitui como única opção, mas como um possível caminho de se ver e interpretar a realidade. A esse respeito, enfatiza-se que

A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências [...]. Nem tem a pretensão de ser a única ou a melhor forma de compreender a realidade, mas se apresenta como uma outra possibilidade, uma outra via de compreensão e de transformação da realidade (SUANNO, M. R., 2014, p. 121).

Dessa forma, os ensinamentos transdisciplinares demonstram uma preocupação com o respeito à diferença, a cultura da paz, o olhar sensível para o outro, o acolhimento do outro, a consciência de pertencimento ao planeta, a sustentabilidade, dentre outros aspectos que corroboram para a formação de um mundo melhor para todos. Compreende-se, portanto, que a proposta transdisciplinar valoriza e dialoga com a educação para diversidade.

Nessa direção, propõe-se pensar a importância da escola trabalhar com a diversidade, a interculturalidade e a alteridade como princípios e caminhos para a vida sob a ótica transdisciplinar.

De acordo com Candau (s.d), a interculturalidade precisa ser trabalhada para além de projetos específicos e corriqueiros, mas em sua globalidade, isto é, presente no currículo, desde a prática pedagógica do professor, passando pelos conteúdos trabalhados e pelas propostas de trabalho e atividades destinadas aos alunos, até as relações interpessoais dos sujeitos envolvidos na escola. Segundo Candau (s.d.), a escola precisa romper com o paradigma de uma cultura engessada, de modo a contribuir com a valorização da cultura dos alunos, possibilitando uma educação contextualizada com a vida do alunado, trazendo sentido e significado para o mesmo.

No tocante à alteridade, é essencial que a escola e seu corpo docente compreendam que o processo educativo é uma troca, uma relação dialógica, uma via de mão dupla, em que professor e aluno se realizam no encontro. Faz-se necessário pensar a alteridade como objetivo do processo educativo, em que

O reconhecimento do “outro” como constituinte, parte integrante de si, deve ultrapassar os muros da teoria, para que a alteridade chegue aos alunos concretamente e, principalmente, seja reconhecida, nas situações e acontecimentos cotidianos, como um valor social e educacional dos mais relevantes. A prática docente deve se comprometer com a facilitação da formação de sentido nesse contexto de alteridade (FURTADO, 2012, p.06).

A prática pedagógica precisa perceber a relevância do outro. O professor precisa entender que o aluno é o seu outro, bem como o aluno conceber que o professor é o seu outro. Essa proposta da alteridade na educação escolar dialoga com a transdisciplinaridade, pois essa reconhece a figura do outro e valoriza as relações interpessoais. Sobre essa reflexão, pontua-se que

A educação como alteridade ética implica na experiência educativa como resistência ao totalitarismo e aniquilamento do outro. Ao ultrapassar a visão objetificadora o eu

assume uma atitude de abertura, de escuta à palavra que vem do outro, pois é o outro que me permite pensar a educação como novidade, encontro, respeito à alteridade, abertura e aprendizagem. Por sua vez, o professor mediador precisa colocar-se no processo de aprendizagem como ponte-passagem e não como barreira. Nesse movimento da experiência de aprendizagem mediada a ação relacional conduz à transcendência, quando vem precedida da responsabilidade pelo outro enquanto outro, instaurando um agir ético como alteridade (COSTA & DIEZ, 2012, p.09).

Cabe dizer que a escola, juntamente com a família, tem significativa contribuição para que as ideias da diversidade, da interculturalidade e da alteridade sejam refletidas e possam contribuir na formação de seres humanizados, críticos e sensíveis ao outro e à vida. É importante problematizar que nesse trabalho com valores humanos, a instituição família é essencial e precisa ser parceira da instituição escola. No que tange à relevância da família, destaca-se o pensamento de Lacan *apud* Bock (1989, p.143) que adverte:

[...] A importância da primeira educação é tão grande na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa. Depois, ao longo de sua vida, virão novas experiências que continuarão a construir casa/indivíduo, relativizando o poder da família.

Nesse sentido, pontua-se que aliada à família, a instituição escolar é espaço de construção de saberes e de formação humana. Sendo assim, é solo fértil para reflexão a respeito dos conceitos tratados nesse estudo. A escola pode contribuir no resgate de valores “como a confiança no outro, compromisso com a sociedade e com o planeta, pautado na generosidade e na solidariedade das relações, no mútuo respeito, tentando tornar se cada dia melhor, no exercício cotidiano do bem comum” (SUANNO, J. H., 2014, p. 179).

Ora, sendo a escola um espaço de convivência entre diferentes, ela se apresenta como lugar de interação entre culturas, isto é, de relação entre “outros”. Logo, constitui-se um espaço privilegiado para conscientização a respeito da diversidade. Fleuri (1999, p. 280) advoga que

A educação intercultural se configura como uma pedagogia do encontro até suas últimas conseqüências, visando promover uma experiência profunda e complexa, em que o encontro/confronto de narrações diferentes configura uma ocasião de crescimento para o sujeito, uma experiência não superficial e incomum de conflito/acolhimento.

Nesse diálogo entre escola, diversidade e transdisciplinaridade, verifica-se a complexa relação que é a convivência com a diferença. Entretanto, apesar de ser um desafio, conviver com o diferente é uma condição da existência humana. Dessa forma, concorda-se que

Com base no rigor da argumentação, na abertura e, principalmente, na tolerância, percebemos a relação complexa que é conviver com o outro e com todas as surpresas que ele traz para uma relação com os que compartilham os diversos ambientes de convivência (SUANNO, J. H., 2010, p.214).

Nesse pensar, destaca-se a carta da transdisciplinaridade, como um documento importante que propõe a articulação da formação do ser humano na sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, visando à paz e a cooperação entre as pessoas e entre culturas (SOMMERMAN; MELLO; BARROS; 2005).

A educação sob o olhar transdisciplinar vê no encontro das diferenças a possibilidade de crescimento das partes que se encontram e se influenciam, pois permite sair do egoísmo central e considerar o ponto de vista de outrem, uma vez que

O aprendiz se transforma junto com os demais companheiros com os quais convive em um mesmo espaço conversacional, tanto no que se refere às transformações nas dimensões explícitas e conscientes, como nas dimensões implícitas e inconscientes. É a partir da convivência que as dimensões do SER e do FAZER vão modulando-se mutuamente, junto às dimensões emocionais e espirituais do sujeito, influenciando, a cada momento, comportamentos e condutas dos seres aprendentes (MORAES, 2014, p.39).

Sendo assim, pode-se afirmar que educar é um processo de transformação na convivência, como alerta Maturana (2000). Compreende-se, assim, a necessidade de se desmistificar, principalmente no espaço da escola, o pensamento de que grupos diferentes não podem se relacionar, se influenciar, aprender e ensinar uns aos outros em espaço de paz e harmonia.

Caminhos e possibilidades de intervenção na escola

Acredita-se que os conceitos tratados nesse trabalho, concebidos também como valores, precisam ser discutidos com o alunado, almejando uma escola conectada com as demandas sociais atuais. Dessa maneira, serão problematizadas algumas possibilidades de intervenção para uma educação na e para diversidade.

Inicialmente, ponto relevante que merece ser discutido consiste na mudança do olhar da escola para a diferença, saindo do paradigma da igualdade até o da diversidade (BARRETO & REIS, 2011). Ora, o ser humano não é igual ao outro, nem será. Cada sujeito é ímpar, tem características que os diferenciam dos demais, embora possam apresentar semelhanças. Como a diferença é a característica marcante do sujeito humano, há o desafio de sair da esfera da igualdade para a esfera do diverso.

No espaço da escola, um possível caminho de mudança refere-se ao processo de ensino-aprendizagem, em que de acordo com Barreto & Reis (2011), muitos alunos são considerados anormais por não corresponderem a um determinado padrão de aprendizagem, negando-se assim a individualidade do educando, uma vez que não há respeito às diferenças individuais.

Assim sendo, identifica-se quão importante é a diversidade de formas de ensino e de aprendizagem, respeitando os ritmos de aprendizagem dos alunos. Conforme alertam Barreto & Reis (2011), é necessário perceber que cada aluno tem desempenhos muito diferentes na relação com os objetos de conhecimento e a prática escolar tem que buscar reconhecer essa diversidade para assegurar respeito aos diferentes sujeitos e possibilitar avanços em suas aprendizagens.

No tocante à educação para a diversidade, a questão da inclusão é séria e merece destaque. Compreende-se a necessidade de iniciativas e de investimentos na modalidade de educação inclusiva, uma vez que não se inclui apenas no discurso, sendo necessário investimento em políticas públicas educacionais sérias que contemplem a formação de professores na perspectiva inclusiva, aquisição de materiais específicos, adequação do espaço físico da escola, dentre outros. Nessa perspectiva, Barreto & Reis (2011, p. 28) problematizam:

Vale destacar que esse discurso eivado de preocupação com uma política inclusivista ainda não é o suficiente para superar as desigualdades sociais exacerbadas pelo processo histórico de exclusão social gestado e consolidado pelo sistema capitalista até então por nós conhecido.

Ademais, outros caminhos de intervenção são desvelados na medida em que a estrutura educacional é repensada para rever suas concepções, destacando como fundamentais:

Conteúdos curriculares vinculados à realidade histórico-cultural dos alunos; o sistema de avaliação como elemento facilitador e promotor de aprendizagens; a valorização do educador como profissional competente para trabalhar esse conteúdo de forma contextualizada e significativa; a qualidade das relações que se estabelecem no espaço escolar, respeitando as diferenças e o lugar da emoção nessas interações, haja vista que a organização conceitual do lugar da emoção tem estado ausente das teorias de aprendizagem (BARRETO & REIS, 2011, p. 30).

Vale salientar ainda sobre o valor de práticas pedagógicas que discutam e reflitam sobre a tolerância à diversidade, que não excluam as vozes culturais dos alunos, quebrando as algemas da homogeneização e da hegemonia cultural, desafiando preconceitos e promovendo uma educação para a cidadania. Além disso, ações pedagógicas que não proliferem os padrões-culturais dominantes, mas que celebrem a diversidade cultural e vislumbrem uma escola de cidadania, na qual as diferenças referentes à raça, gênero, classes sociais, culturas, sexualidade, e outros aspectos não sejam motivos de segregação, mas que valorizem a condição da diferença humana (CANEN, 2001).

Sugere-se ainda a possibilidade de uma pedagogia transdisciplinar, que discuta o racismo que assola a sociedade, bem como problematize a homofobia, o preconceito referente ao gênero, as classes sociais, ou seja, ao outro de forma geral. Uma práxis transdisciplinar (SUANNO, M. V. S., 2014) que valorize o outro e demonstre a beleza que há no encontro e as possibilidades de crescimento que há nele. Discutir ataques aos índios, aos homossexuais, aos negros, à mulher e demais grupos marginalizados apresentam-se como rica possibilidade de trabalho na escola.

Outro caminho de intervenção possível de ser desenvolvido à luz da transdisciplinaridade corresponde à possibilidade da cooperação entre culturas diferentes em oposição à competição exacerbada que marca a sociedade atual. Há uma necessidade de se discutir com os alunos a cooperação como estilo de vida, pontuando que as pessoas são membros da mesma comunidade cooperativa humana (ORLICK, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme enfatiza Freire (1998), o ser humano é sujeito da história e não apenas seu objeto, o que sugere ser um ser pensante, capaz de mudar o rumo das questões sociais. Portanto, a escola desempenha a função social de contribuir para a construção da autonomia, da noção de sujeito, da criticidade, da criatividade do educando e também de um bem comum social.

Assim, pensando nas relações entre diversidade, interculturalidade, alteridade e educação, destaca-se a contribuição significativa na construção de um espaço social harmônico, por meio da conscientização dos educandos para o respeito e acolhimento da diferença.

Nesse pensar, a transdisciplinaridade corresponde a um olhar para a educação, para a escola e para a vida. Tem o objetivo de ajudar os seres humanos a atingir novos níveis de realidade, percepção e consciência, além de apresentar uma proposta humanizada, valorizando as relações interpessoais, o meio ambiente, a sustentabilidade, a criatividade, a afetividade, e demais aspectos importantes para a sociedade.

Em suma, esse trabalho consiste em um breve ensaio sobre a problemática em discussão, sendo necessário aprofundar na temática complexa que a diversidade representa. A continuidade nos estudos e nas pesquisas na área contribuirá cada vez mais para a compreensão de que a convivência com a diferença, embora seja um desafio, caracteriza a família social humana.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Claudia S. G.; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Educação inclusiva: do paradigma da igualdade para o paradigma da diversidade. **Polyphonia**, v.22, n. 1, jan./jun., 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1989.

CANDAU, Vera Maria. **Interculturalidade e Educação Escolar**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_interculturalidade.html>. Acesso em 18 de Out. 2014.

CANEN, Ana. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação & Sociedade**. a. XXII, n. 77, dez/2001, p.207-227.

COSTA, Wanderleia Dalla; DIEZ, Carmen Lucia Fornari. **A relação do eu-outro na educação: abertura à alteridade**. IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural no Brasil: a perspectiva epistemológica da complexidade. **Revista Brasileira de Est. Pedag.**, Brasília, v. 80, n. 195, p. 277-289, maio/ago. 1999.

_____. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p.23-35, 2003.

REVELLI v.9 n.2. Junho/2017. p. 162-176. ISSN 1984 – 6576.
Dossiê Educação Inclusiva e formação de professores: uma diversidade de olhares.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Júlio. **Docência e alteridade**. Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo: COEB, 2012.

MATURANA, Humberto. O que se observa depende do observador. In: W. I. Thompson (org.). **Gaia: Uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Editora Gaia, 2000.

MORAES, Maria Cândida. Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014

NICOLESCU, BASARAB. **Projeto CIRET-UNESCO: evolução transdisciplinar da universidade**. Bangkok: Chulalongkorn University, 1997. Disponível em: <<http://www.moodle.fmb.unesp.br/mod/resource/view.php?id=60>>. Acesso em: 10 out. 2014.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SILVA, Miriam Terezinha Pinheiro da. **Um estudo sobre as representações de alteridade e seus indicadores**. s.d. Disponível em: <http://www.uniritter.edu.br/eventos/linguagem/anais_artigos/ARTIGOS/M/Miriam%20Terezinha%20Pinheiro%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 13 set. 2014.

SOMMERMAN, A.; MELLO, M. F.; BARROS, V. B. Mensagem de Velha/Vitória. In Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2, 2005, Vilha Velha/Vitória. **Anais...** Disponível em: http://www.ouviroevento.pro.br/index/carta_da_transdiscipliradidade.htm#Carta%20da%20Transdisciplinaridade>. Acesso em: 20 out. 2014.

SUANNO, João Henrique Suanno. Práticas Inovadoras em Educação: uma visão complexa, transdisciplinar e humanística. In: BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel e MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

_____. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Em busca da compreensão do conceito de transdisciplinaridade. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ZWIEREWICZ, Marlene. Do ensino linear ao ensino transdisciplinar: notas introdutórias para uma nova consciência na educação. In: ZWIEREWICZ, Marlene. **Criatividade e inovação**

no ensino superior: experiências latino-americanas e européias em foco. Universidade da Paraíba, 2013.